



“Crianças, vamos ao parque?” – Percepções sobre a utilização de parques públicos por crianças

Children, let's go to the park? – Perceptions from children's about public parks use

AUTORES

Simone Medeiros de Oliveira¹

Paula Silva¹

Maria Paula Maia dos Santos¹

¹ Centro de Investigação em Atividade Física, Saúde e lazer (CIAFEL), Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Porto, Portugal.

CONTATO

Simone Medeiros de Oliveira

simonemedeiros2005@hotmail.com

Urbanização do Monte da Gaia, 4, Arões
Santa Cristina, Fafe, Portugal.

DOI

10.12820/rbafs.23e0011

RESUMO

Parques públicos localizados em áreas urbanas podem contribuir para maiores oportunidades de atividade física das crianças. Conhecer a utilização dessas áreas verdes urbanas pelas crianças, bem como a percepção destas acerca da atividade física nos parques pode facilitar a elaboração de estratégias de promoção da saúde das crianças através da atividade física nos parques. O objetivo deste estudo foi descrever a utilização de parques por criança para a prática da atividade física, bem como suas percepções sobre a atividade física nos parques. Para tal recorreu-se a uma metodologia de caráter quali-quantitativo. Os dados quantitativos sobre a utilização de dois parques foram obtidos através do instrumento SOPARC. Os dados qualitativos sobre a percepção das crianças (10 a 12 anos) foram obtidos através de quatro grupos focais. Para análise dos dados quantitativos recorreu-se ao teste do qui-quadrado e de Mann-Whitney; o tratamento dos dados qualitativos foi realizado por análise temática de conteúdo. Os resultados não evidenciaram diferença na utilização dos parques pelas crianças, contudo indicam uma reduzida utilização destas áreas pelas crianças (Parque 1 = 20,9% versus Parque 2 = 11,0%), especialmente no inverno (Parque 1 = 15,4% versus Parque 2 = 4,5%). O discurso das crianças revelou que estas utilizam o parque para a prática da atividade física recreativa, bem como o prazer em praticarem atividade física nestes locais. A promoção de estratégias que favoreçam uma maior utilização dos parques pelas crianças poderá contribuir para o aumento da atividade física das crianças.

Palavras-chave: Criança; Áreas verdes; Exercício.

ABSTRACT

Public parks located in urban areas may contribute to greater opportunities for children's physically active behavior. Knowing the use of these urban green areas by children, as well as the perception of these about physical activity in the park can facilitate the elaboration of strategies to promote children's health through physical activity in parks. The aim of this study is to describe the use of parks by child to practice physical activity, as well as their perceptions about physical activity in parks. The data were collected through a quali-quantitative methodology. Quantitative data of two parks were obtained through the SOPARC instrument and qualitative data on the perception of children (10 to 12 years) were obtained through four focus groups. The chi-square test and the Mann-Whitney test were used to analyze the quantitative data; the treatment of qualitative data was performed by thematic reaste analysis. The results didn't show a difference in the use of the parks by the children, however they indicate a reduced use of these areas by children (park 1 = 20,9% versus park 2 = 11,0%), especially in winter (park 1 = 15,4% versus park 2 = 4,5%). The children's speech revealed that they use the park to practice recreational physical activity, as well as the pleasure of practicing physical activity in these places. The promotion of strategies that favor the greater use of the parks by children can contribute to na increase in the physical activity of children.

Keywords: Child; Green areas; Exercise.



Copyright: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License®, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

Introdução

A elevada prevalência de inatividade física¹ tornou-se um dos principais temas de prevenção na área da saúde pública. O baixo envolvimento de crianças em práticas fisicamente ativas² é uma tendência agravada pela adoção de comportamentos sedentários, em geral, relacionadas ao “tempo de tela” (“screentime”)³. O que torna fundamental o incentivo à adoção do estilo de

vida ativo, visando a consolidação dos hábitos de vida saudável e dos benefícios da atividade física (AF) na saúde de crianças⁴.

Nos centros urbanos, o planejamento do ambiente contruído não tem favorecido a adoção de comportamentos fisicamente ativos⁵, diminuindo as oportunidades da prática de AF⁶. Como alternativa, verifica-se que a oferta de áreas verdes pode favorecer a prática de

AF nestes locais. Evidências reforçam a associação entre a utilização destas áreas e os benefícios na saúde de seus usuários⁷; em especial na saúde mental e vitalidade dos adultos⁸, no bem-estar emocional⁹ e na qualidade de vida¹⁰ das crianças.

Os parques públicos são áreas verdes comuns nos meios urbanos associadas ao bem-estar dos indivíduos¹¹ e à prática de AF¹². Sua utilização para a prática de AF está relacionada às características estruturais do parque e às características de seus usuários¹³. No caso das crianças, a utilização destas áreas associa-se à sua proximidade a residência das crianças e à sua densidade verde¹⁴. Além disso, parece estar também relacionada com a percepção dos “supervisores” das crianças (pais e/ou adultos acompanhantes) em relação à oferta de estruturas do Parque¹⁵.

Evidências científicas revelam que as crianças são mais ativas em ambientes ao ar livre^{16,17}, como também, que as áreas arborizadas em zonas residenciais¹⁸ e a exposição às áreas verdes⁹ estão associadas a maiores níveis de intensidade da AF das crianças. Nos parques, sabe-se que a AF das crianças está associada à oferta de estruturas (ex: quadras desportivas) e a fatores sociais (ex: gênero)¹⁹.

No entanto, a literatura é ainda escassa em estudos que acrescentem a percepção das crianças aos dados descritivos sobre a utilização dos parques. Tais informações podem fortalecer o potencial de estratégias para a promoção da saúde das crianças através da AF nessas áreas. Neste sentido, o presente trabalho teve como o objetivo descrever a utilização de parques por crianças para a prática de atividade física, bem como suas percepções sobre a atividade física nos parques.

Métodos

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (processo CEFADÉ 07.2015) e utilizou uma metodologia com uma abordagem quantitativa para a caracterização da utilização dos parques; e a uma abordagem qualitativa para a coleta da percepção de crianças sobre a AF nos parques. A amostra foi constituída por dois parques públicos (Parque 1 e Parque 2), com parque infantil, da cidade de Guimarães (Portugal) e quatro Grupos Focais (GF), com crianças (10 a 12 anos) utilizadoras destas áreas verdes.

Para caracterização da utilização dos parques utilizou-se o “System for Observing Play and Recreation in Communities” (SOPARC)²⁰. Este instrumento utiliza a técnica de observação direta sistematizada de alta

confiabilidade²¹ baseada em amostras de tempo momentâneo que caracterizam “áreas alvo” (áreas pré-determinadas com potencial para a prática de AF no tempo de lazer) do parque, dos seus usuários (grupo etário: crianças = até 12 anos, adolescentes = 13 a 20 anos, adultos = 20 a 59 anos e idosos = acima dos 60 anos; e sexo: masculino e feminino) e do nível de AF praticada nestas áreas (sedentário = 1,5 equivalente metabólico, *i.e.* METs, caminhada = 3 METs e vigoroso = 6 METs; categorias validadas, segundo protocolo, através da correlação com a frequência cardíaca e o consumo de oxigênio)²⁰. A coleta é realizada através de um *scan* (um movimento único da cabeça da esquerda para a direita) das “áreas alvo”²⁰. Uma única observadora, devidamente treinada realizou as observações no período de dezembro/2014 a outubro de 2015, contemplando as quatro estações do ano. Foram realizadas quatro observações diárias (9h30min.; 11h30min.; 15h30min.; 17h30min.), seguindo uma mesma ordem sistemática, em quatro dias da semana aleatórios, incluindo um dia de fim-de-semana²². Para esta coleta utilizou-se a aplicação eletrônica iSOPARC, previamente validada²³. Durante as observações, os parques não foram sujeitos a qualquer alteração das suas estruturas.

Os dados qualitativos sobre as percepções das crianças foram coletados através da técnica de Grupo Focal. Todas as crianças participantes (n = 36) foram informadas do objetivo e da metodologia seguida no estudo, da participação espontânea e voluntária, da garantia do sigilo e do anonimato. Integraram os grupos, as crianças que devolveram o consentimento livre e esclarecido, bem como de seus responsáveis de educação/pais; ambos os documentos devidamente preenchidos e assinados. Os grupos foram realizados numa sala da escola pública vizinha ao parque, com uma duração média de 35 minutos, e foram gravados em registro áudio tendo sido realizadas anotações pela entrevistadora durante a sua realização. Estes encontros foram únicos, baseados no mesmo guia de perguntas semi-estruturado (*e.g.*: “você costumam ir ao parque?”; “com quem você costumam ir ao parque?”; “o que você fazem lá?”; “e gostam de estar lá? porquê?”). Todos os grupos foram moderados pela mesma entrevistadora que não possuía qualquer vínculo com os entrevistados. O incentivo à participação ao longo das entrevistas foi constante, tendo sido registrada uma participação ativa das crianças ao longo de todo o encontro.

A análise dos dados quantitativos foi realizada através do programa “IBM - Statistical Package for the

Social Sciences” (SPSS), versão 23. Onde, para análise da proporção entre as características observadas nos parques, através do SOPARC, foi aplicado o teste do Qui-quadrado para heterogeneidade. E a comparação, entre os parques, da distribuição da AF praticada nos parques e da faixa etária dos usuários realizada através da análise não paramétrica por meio do teste de Mann-Whitney. Para todas as análises o nível de significância considerado foi de 5%.

Para a análise dos dados qualitativos, procedeu-se a uma transcrição integral das perguntas e respostas em cada GF, assinalando pausas e interjeições. O tratamento destes dados foi feito com o recurso ao programa QSR NVivo 11 para gestão e codificação das informações, e optou-se pelo tema como unidade na análise de conteúdo. A análise foi realizada de forma independente por duas das autoras, tendo uma a responsabilidade da edição do processo de codificação. Os resultados foram comparados e discutidos até ser obtido um consenso. Os procedimentos de análise e discussão foram acompanhados pela terceira autora no sentido de promover o confronto de crenças, valores e preconceitos.

Resultados

O Parque 1 foi avaliado numa área total de 3.650 m², dividida em 13 “áreas alvo”, sendo realizadas 1.768 observações totais, com o registro de 3.293 usuários. A área total do Parque 2 avaliada foi de 1.135 m², dividida em sete “áreas alvo”, onde foram realizadas no to-

tal 826 observações, com o registro de 2.830 usuários. Conforme verifica-se na Figura 1, há uma diferença entre parques de 9,9 pontos percentuais de AF vigorosa observada ($p = 0,03$) e de 15,6 pontos percentuais ($p = 0,005$) no registro de adolescentes observados nos parques. Relativamente ao sexo, foi encontrada uma diferença de 16,4 pontos percentuais ($p = 0,002$) entre parques para o sexo feminino (Figura 1). Apesar de não haver diferença significativa, observa-se o maior percentual de AF sedentária e do sexo masculino, registrado em ambos os parques (Figura 1); assim como, de adultos no Parque 1 (42,2%) e de idosos no Parque 2 (53,2%). Destaca-se que o percentual de crianças observadas nos parques foi de 20,9% no Parque 1 e de 11,0% no Parque 2 (Figura 1).

Não foram encontradas diferenças significativas entre as crianças observadas nos parques ($p = 0,550$), bem como entre os adultos ($p = 0,40$) (Tabela 1). Todavia, a observação de adolescentes e idosos foi diferente ($p < 0,001$) entre os parques, tendo sido observados mais adolescentes no Parque 1 e mais idosos no Parque 2 (Tabela 1). Entre o nível de AF (sedentário, caminhada, vigoroso) foram encontradas diferenças significativas ($p < 0,001$) entre os parques da amostra, com um maior número usuários em AF *caminhada* e vigorosa no Parque 1; e de AF sedentária no Parque 2 (Tabela 1).

Entre as “áreas alvo” observadas, em ambos os locais, o parque infantil foi a área com maior registro de crianças. Nesta área do Parque 1 foram registradas 27,9% do total de crianças observadas neste parque; enquanto no

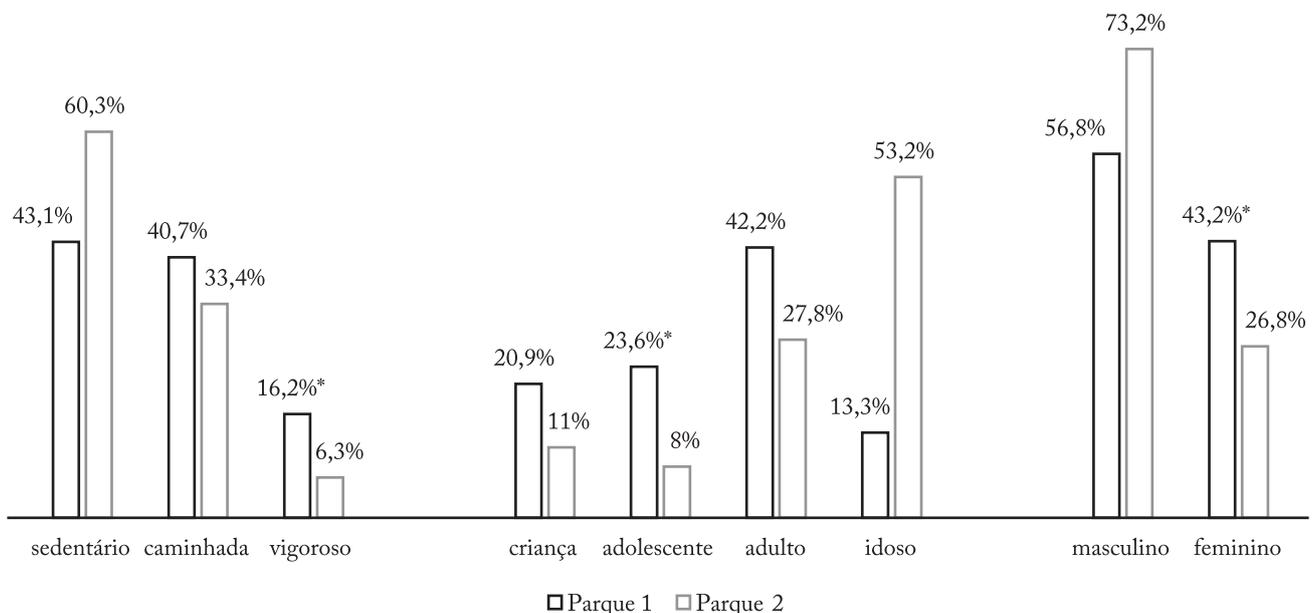


Figura 1 – Percentual de usuários observados nos parques por nível de atividade física (sedentário, caminhada e vigoroso), faixa etária (criança, adolescente, adulto e idoso) e sexo.

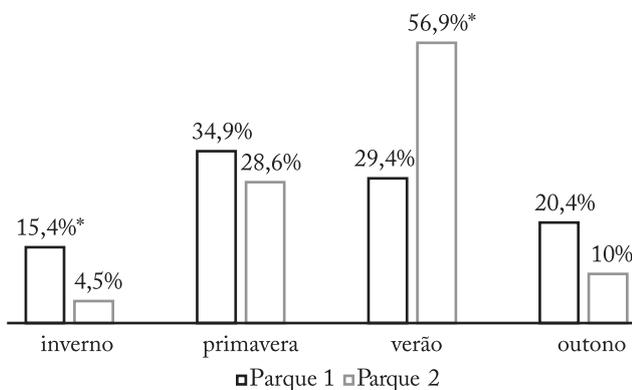
Tabela 1 – Número de usuários por parque segundo faixa etária e nível de atividade física.

Parques	Grupo etário dos usuários				Nível de atividade física		
	crianças	adolescentes	adultos	idosos	sedentário	caminhada	vigoroso
Parque 1	688	776*	1390	439	1419	1342*	532*
Parque 2	311	226	787	1506*	1706*	944	180

* p < 0,001.

parque infantil do Parque 2, registrou-se 50,8% do total de crianças observadas no mesmo. Entretanto, a AF sedentária foi predominantemente registrada ao longo das observações nestas “áreas alvo” de ambos os parques, sendo que “estar de pé” foi a atividade sedentária mais observada (21,3%) no parque infantil do Parque 1 e “estar sentado” a atividade mais registrada (34,7%) nesta área do Parque 2.

Ao longo do período de observação realizado durante as quatro estações do ano, a utilização dos parques pelas crianças variou. Conforme Figura 2, o inverno foi a estação com menor percentual de crianças observadas nos parques, havendo uma diferença, entre parques, de 10,9 pontos percentuais (p = 0,001). Durante o verão foi verificada uma diferença de 27,5 pontos percentuais (p = 0,003) de crianças observadas nos parques (Figura 2); estação em que foi registrado o maior percentual de crianças no Parque 2 (56,9%; Figura 2). A primavera foi a estação com maior percentual de crianças observadas no Parque 1 (34,9%; Figura 2).

**Figura 2** – Percentual de crianças observadas nos parques ao longo das estações do ano.

Os resultados da análise do conteúdo dos GF apontam para a percepção de liberdade em relação aos parques, que no discurso das crianças surge como uma circunstância favorável para o desenvolvimento de AF não estruturada nos parques. Sendo comum entre as crianças a prática de AF recreativa nestas áreas, conforme verifica-se nos relatos a seguir: “Vamos brincar, brincar.” (menino, 6º ano); “Brincar nas máquinas, an-

dar de baloiço” (menino, 6º ano). Este tipo de atividade é, neste estudo, destacado pelo desenvolvimento de atividades informais, a exemplo do “jogar à bola” e do “andar de bicicleta”: “Eu vou às vezes aos domingos, para jogar um bocadinho à bola e brincar” (menino, 6º ano); “(...) jogar à bola, andar de bicicleta. Jogar com meu amigo...” (menino, 6º ano).

A oportunidade de exposição ao ar livre e à natureza foi valorizada pelas crianças para a prática de AF. Onde, características específicas dos parques são destacadas pelas crianças devido o favorecimento do desenvolvimento de comportamentos saudáveis, além de proporcionarem uma condição de distanciamento da rotina e percepção de maior liberdade: “Eu acho que devíamos praticar exercício no parque porque temos um contato com a natureza e devíamos estar todos a fazer qualquer coisa lá e é saudável.” (menino, 6º ano); “Eu acho que praticar exercício físico no parque é muito importante porque nós estamos fora de um espaço fechado e é (pausa) parece que nos sentimos um bocado livres, porque podemos fazer o que queremos (...)” (menino, 6º ano).

Segundo estas crianças, a prática de AF nos parques apresenta uma limitação que está relacionada com as adversidades climáticas, em geral, desfavoráveis a utilização e a prática de AF nestas áreas: “Porque ultimamente tem estado tempo mal, eu gosto, quando eu corro eu gosto de ser ao ar livre, eu não gosto muito dentro de pavilhões como nós fazemos aqui.” (menina, 5º ano); “Eu nestes tempos não vou muito ao parque porque está chuva. E tenho uma máquina em casa.” (menino, 6º ano).

Os benefícios da prática de AF para a saúde, emergiu no conteúdo dos GF. Embora nesta relação o objetivo de melhoria da composição corporal surja com alguma relevância nas referências das crianças, também surgem ideias relativas à condição física, conforme os seguintes relatos: “Porque nós queimamos as gorduras do nosso corpo.” (menina, 6º ano); “Para extrair as gorduras que temos dentro de nós.” (menino, 5º ano); “Para capacidade corporal, para resistência, muitas coisas assim.” (menina, 5º ano).

É importante destacar aqui que nestes benefícios percebidos pelas crianças surge o desenvolvimento de

habilidades sociais. Tais referências sugerem uma interiorização do conceito de saúde que integra o bem-estar social, traduzido aqui pelo alargamento das relações sociais e pela solicitação de capacidades como a autonomia e a organização: “Para conhecer mais as pessoas, mais pessoas.” (menino, 6º ano); “Para não nos sentirmos sozinhos.” (menino, 6º ano); “Para ficarmos autônomos também. E tipo, sabermos organizar-nos.” (menina, 5º ano).

Embora a literatura alerte para a insuficiente prática de AF das crianças, é interessante verificar que as crianças deste estudo percebem-se como suficientemente ativas, tendendo a considerarem-se como muito ativas, conforme verifica-se nos seguintes extratos em que as crianças relatam a quantidade de AF praticada: “Muita.” (todos, 6º ano); “Demais.” (menino, 6º ano); “Não, não, já é suficiente.” (menina, 6º ano); “Eu faço a mais.” (menino, 6º ano).

Ao caracterizar este envolvimento com as práticas de AF, a maioria das crianças refere diversidade das atividades e o prazer em realizá-las. Onde, as atividades estruturadas, como a natação e o basquetebol, são praticadas em espaços municipais e/ou associativos (clubes): “Eu vou para o ténis, vou para o arco (...)” (menino, 5º ano); “Eu já andei na natação, no zumba e gosto muito de jogar basquetebol. Adoro!” (menina, 5º ano). Mas outras são referenciadas e têm lugar em espaços escolares e recreativos: “Na escola, em casa, no parque, futebol, piscina (...)” (menino, 6º ano).

Discussão

A reduzida utilização dos parques pelas crianças foi um importante resultado deste estudo que corrobora com a literatura^{14,24}. Evidências apontam para o reflexo das condições da oferta de estruturas, do acesso, da percepção de segurança e da estética dos parques na utilização destas áreas²⁵. Aspectos ambientais que, quando positivamente modificados, poderão favorecer a maior utilização dos parques pelas crianças para a prática da AF.

A valorização dos parques para prática de AF recreativa, em especial para as crianças, poderá ser uma estratégia eficaz que aumente a utilização dos parques. Conforme os resultados deste estudo, os parques são predominantemente utilizados pelas crianças para brincar. A oferta de um ambiente atraente que motive as crianças para práticas de intensidade mais vigorosa poderá refletir-se na sua maior utilização, na oportunidade de convívio entre pares, mas fundamentalmente contribuir para o aumento da AF vigorosa praticada nos parques¹⁹.

Todavia, para as crianças, é necessária uma maior

atenção no planeamento destas propostas no que diz respeito ao gênero, uma vez que a AF neste grupo é um comportamento influenciado por fatores diferentes. Em geral, os meninos parecem ser mais influenciados por questões ambientais, desenvolvendo brincadeiras casuais e com os colegas da vizinhança; e as meninas por fatores sociais, com adoção de brincadeiras mais específicas e com a supervisão familiar²⁶.

A necessidade de uma alteração nos modelos da oferta de estruturas dos parques para as crianças foi evidenciada neste estudo pelo maior registro de AF sedentária nos parques infantis. A presença de adultos nos parques infantis poderá ser uma das razões para o elevado registro de AF sedentária ao longo das observações em ambos os parques, fato que suscita a necessidade de uma adequação da oferta nos parques. Nestes ambientes, o parque infantil é considerado uma área potencial para a adoção de comportamento fisicamente ativo nas crianças²⁴, que atraem igualmente crianças de ambos os sexos e uma diversidade de usuários dos parques²⁷. A oferta de um parque atraente e motivador que instigue a adoção de comportamentos fisicamente ativos, tanto para as crianças como para os demais usuários, poderá favorecer a prática da AF, em maiores níveis de intensidade.

Conhecer a utilização dos parques e as percepções de seus usuários torna-se fundamental para a elaboração de estratégias de promoção da saúde através da AF. Os resultados obtidos neste estudo indicam para uma auto-percepção das crianças de “muito ativas”, o que contraria os índices da inatividade física consistentemente referidos na literatura¹ e as observações realizadas nos parques da amostra. No entanto, é de salientar que a AF individual das crianças não foi avaliada objetivamente, dificultando o confronto entre as percepções relatadas pelas crianças acerca da sua prática e os níveis de AF observados nos parques.

Os benefícios da prática de AF para a saúde⁴ são atributos da AF reconhecidos pelas crianças da amostra. A melhoria da resistência física geral e o aumento do dispêndio energético foram alguns benefícios identificados pelas crianças dos GF, que também reconhecem a oportunidade de socialização como um benefício obtido através da prática de AF nos parques²⁸. O prazer em praticar AF nestas áreas, proporcionado pelo contato com a natureza e pela sensação de liberdade também ficou evidenciado nos relatos das crianças. Resultados que permitem a reflexão sobre o carácter atrativo e eficaz das estratégias de promoção da AF nos parques para as crianças.

Investir em ciclovias integradas aos parques poderá ser uma estratégia que aumente a utilização dos parques pelas crianças. Pois, apesar de não ter tido destaque entre as atividades principais registradas nas observações dos parques da amostra, o uso da bicicleta foi relatado pelas crianças dos GF como uma das práticas de AF desenvolvidas por estas nos parques. A criação de pistas seguras e adequadas para esta prática também pode contribuir para o deslocamento ativo de crianças²⁹, aumentando as oportunidades de AF das crianças. Criar percursos, através dos parques, de ligação entre locais habitualmente frequentado pelas crianças (*e.g.*: as escolas) poderá facilitar o transporte ativo das crianças e a utilização dos parques pelas mesmas.

Com efeito, algumas ponderações devem ser feitas na oferta de estruturas nos parques, visando a adequação da oferta com a realidade local. Os resultados do presente estudo revelaram a forte influência do clima na utilização dos parques pelas crianças. Outros estudos corroboram com estes resultados e sugerem a necessidade de adequação da oferta de estruturas nos parques de forma a favorecer a utilização destas áreas ao longo do ano³⁰. A disponibilidade de parques próximo às residências das crianças e a oferta de estruturas que suportem a prática de AF das crianças nos períodos de condições climáticas adversas poderão ser uma estratégia que aumente a utilização dos parques pelas crianças para a prática da AF em condições climáticas menos favoráveis.

A utilização dos parques para a prática de AF pelas crianças deve ser uma área de investimento público, pois este ambiente é reconhecido pelas crianças como um local atraente para práticas de AF e para o convívio social. Reverter o cenário da baixa utilização desta faixa etária nos parques e do predomínio de AF sedentária nestas áreas verdes, é um desafio para a sociedade e para o setor público. A oferta de parques com estruturas que motivem e facilitem a prática de AF das crianças, e a elaboração de políticas que assegurem as estratégias de promoção da AF nos parques locais são algumas medidas que podem favorecer a AF nestas áreas verdes.

A utilização de uma aplicação eletrônica para a coleta dos dados quantitativos tornou o registro das observações realizadas nos parques mais eficaz. No entanto, a ausência de dados objetivos sobre o nível de AF individual das crianças dos GF foi uma das limitações deste estudo, que poderia fornecer dados para confrontar com suas percepções acerca da AF. Além disso, uma vez que, a AF é um comportamento fortemente associado ao gênero, futuros estudos com a formação de GF por sexo

poderão evidenciar outros fatores associados à prática da AF das crianças nos parques pelas crianças, que não foram identificadas através do desenho deste estudo.

Este estudo apresenta resultados que não podem ser generalizados para todas as populações visto as diferentes realidades decorrentes das políticas empregadas, do ambiente e da cultura local, que têm impacto sobre a utilização dos parques e as percepções dos indivíduos. Todavia, ao nível local, estes resultados são relevantes para a construção de políticas de promoção da AF das crianças nos parques.

Os resultados do presente estudo revelam a baixa utilização dos parques pelas crianças, em especial no inverno. Através da percepção das crianças pode-se concluir que os parques são utilizados por estas para práticas de AF recreativa e que esta utilização é prazerosa para as crianças da amostra. Tais conhecimentos poderão contribuir para o planeamento de estratégias eficazes da promoção da saúde das crianças através da AF nos parques, bem como, promover o aumento da utilização destas áreas pelas crianças, onde uma intervenção multidisciplinar poderá ser o elemento chave para o suporte necessário do sucesso destas ações de promoção da saúde das crianças através da AF nos parques.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Oliveira SM, participou da concepção do estudo, planeamento, coleta, análise e interpretação dos dados, e elaboração do texto final; foi responsável pela revisão da literatura. Silva P, participou da análise e interpretação dos dados qualitativos e da elaboração do texto final. Santos MPM, participou da concepção do estudo, da análise dos dados quantitativos e da elaboração do texto final.

Referências

1. Kohl HW, Craig CL, Lambert EV, Inoue S, Alkandari JR, Leetongin G, et al. The pandemic of physical inactivity: global action for public health. *Lancet*. 2012;380(9838):294-05.
2. Klinker CD, Schipperijn J, Christian H, Kerr J, Ersboll AK, Troelsen J. Using accelerometers and global positioning system devices to assess gender and age differences in children's school, transport, leisure and home based physical activity. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2014;11:8.
3. Carson V, Hunter S, Kuzik N, Gray CE, Poitras VJ, Chaput JP, et al. Systematic review of sedentary behaviour and health indicators in school-aged children and youth: an update. *Appl Physiol Nutr Metab*. 2016;41(6 Suppl 3):S240-65.
4. Loprinzi PD, Cardinal BJ, Loprinzi KL, Lee H. Benefits and environmental determinants of physical activity in children and adolescents. *Obes Facts*. 2012;5(4):597-10.

5. Perdue WC, Stone LA, Gostin LO. The built environment and its relationship to the public's health: the legal framework. *Am J Public Health*. 2003;93(9):1390-4.
6. Sallis JF, Floyd MF, Rodríguez DA, Saelens BE. Role of built environments in physical activity, obesity, and cardiovascular disease. *Circulation*. 2012;125(5):729-37.
7. Ruijsbroek A, Droomers M, Kruize H, van Kempen E, Gidlow CJ, Hurst G, et al. Does the health impact of exposure to neighbourhood green space differ between population groups? An Explorative Study in Four European Cities. *Int J Environ Res Public Health*. 2017;14(6):15.
8. Van den Berg M, van Poppel M, van Kamp I, Andrusaityte S, Balseviciene B, Cirach M, et al. Visiting green space is associated with mental health and vitality: A cross-sectional study in four european cities. *Health Place*. 2016;38:8-15.
9. Ward JS, Duncan JS, Jarden A, Stewart T. The impact of children's exposure to greenspace on physical activity, cognitive development, emotional wellbeing, and ability to appraise risk. *Health Place*. 2016;40:44-50.
10. McCracken DS, Allen DA, Gow AJ. Associations between urban greenspace and health-related quality of life in children. *Prev Med Rep*. 2016;3:211-21.
11. Larson LR, Jennings V, Cloutier SA. Public parks and wellbeing in urban areas of the United States. *PLoS One*. 2016;11(4):e0153211.
12. Kaczynski AT, Henderson KA. Parks and recreation settings and active living: a review of associations with physical activity function and intensity. *J Phys Act Health*. 2008;5(4):619-32.
13. Bedimo-Rung AL, Mowen AJ, Cohen DA. The significance of parks to physical activity and public health: a conceptual model. *Am J Prev Med*. 2005;28(2 Suppl 2):159-68.
14. Dunton GF, Almanza E, Jerrett M, Wolch J, Pentz MA. Neighborhood park use by children: use of accelerometry and global positioning systems. *Am J Prev Med*. 2014;46(2):136-42.
15. Bohn-Goldbaum EE, Phongsavan P, Merom D, Rogers K, Kamalesh V, Bauman AE. Does playground improvement increase physical activity among children? A quasi-experimental study of a natural experiment. *J Environ Public Health*. 2013;2013:9.
16. Schoeppe S, Duncan MJ, Badland HM, Oliver M, Browne M. Associations between children's independent mobility and physical activity. *BMC Public Health*. 2014;14:91.
17. Kurka JM, Adams MA, Todd M, Colburn T, Sallis JF, Cain KL, et al. Patterns of neighborhood environment attributes in relation to children's physical activity. *Health Place*. 2015;34:164-70.
18. Janssen I, Rosu A. Undeveloped green space and free-time physical activity in 11 to 13-year-old children. *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2015;12:26.
19. Floyd MF, Bocarro JN, Smith WR, Baran PK, Moore RC, Cosco NG, et al. Park-based physical activity among children and adolescents. *Am J Prev Med*. 2011;41(3):258-65.
20. McKenzie TL, Cohen DA, Sehgal A, Williamson S, Golinelli D. System for Observing Play and Recreation in Communities (SOPARC): reliability and feasibility measures. *J Phys Act Health*. 2006;3(Suppl 1):S208-22.
21. Ward P, McKenzie TL, Cohen D, Evenson KR, Golinelli D, Hillier A, et al. Physical activity surveillance in parks using direct observation. *Prev Chronic Dis*. 2014;11:130147.
22. Cohen DA, Setodji C, Evenson KR, Ward P, Lapham S, Hillier A, et al. How much observation is enough? Refining the administration of SOPARC. *J Phys Act Health*. 2011;8(8):1117-23.
23. Santos MP, Rech CR, Alberico CO, Fermio RC, Rios AP, David J, et al. Utility and reliability of an App for the System for Observing Play and Recreation in Communities (iSOPARC®). *Meas Phys Educ Exerc Sci*. 2016;20(2):93-8.
24. Besenyi GM, Kaczynski AT, Wilhelm Stanis SA, Vaughan KB. Demographic variations in observed energy expenditure across park activity areas. *Prev Med*. 2013;56(1):79-81.
25. McCormack GR, Rock M, Toohey AM, Hignell D. Characteristics of urban parks associated with park use and physical activity: a review of qualitative research. *Health Place*. 2010;16(4):712-26.
26. Brockman R, Fox KR, Jago R. What is the meaning and nature of active play for today's children in the UK? *Int J Behav Nutr Phys Act*. 2011;8:15.
27. Baran PK, Smith WR, Moore RC, Floyd MF, Bocarro JN, Cosco NG, et al. park use among youth and adults: examination of individual, social, and urban form factors. *Environ Behav*. 2014;46(6):768-800.
28. Lee AC, Jordan HC, Horsley J. Value of urban green spaces in promoting healthy living and wellbeing: prospects for planning. *Risk Manag Healthc Policy*. 2015;8:131-7.
29. Fraser SD, Lock K. Cycling for transport and public health: a systematic review of the effect of the environment on cycling. *Eur J Public Health*. 2011;21(6):738-43.
30. Roemmich JN, Johnson L. Seasonal alterations in park visitation, amenity use, and physical activity-Grand Forks, North Dakota, 2012-2013. *Prev Chronic Dis*. 2014;11:e155.

Recebido: 10/10/2017
 Aprovado: 10/08/2018

Como citar este artigo:

Oliveira SM, Silva P, Santos MPM. "Crianças, vamos ao parque?" - percepções sobre a utilização de parques públicos por crianças. *Rev Bras Ativ Fis Saúde*. 2018;23:e0011. DOI: 10.12820/rbaf.23e0011.